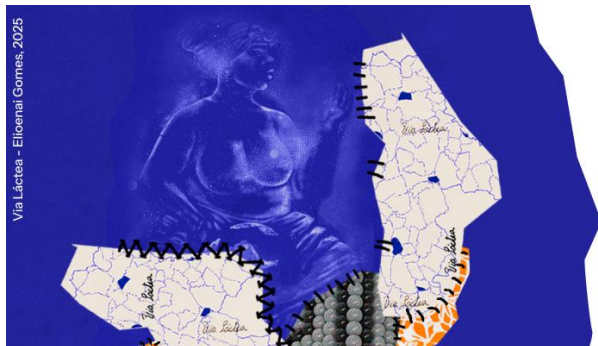




O ENSINO TÉCNICO EM MÚSICA PARA ADULTOS NA TERCEIRA IDADE UMA EXPERIÊNCIA DO ESTUDO RELACIONADO A MEMÓRIA AFETIVA

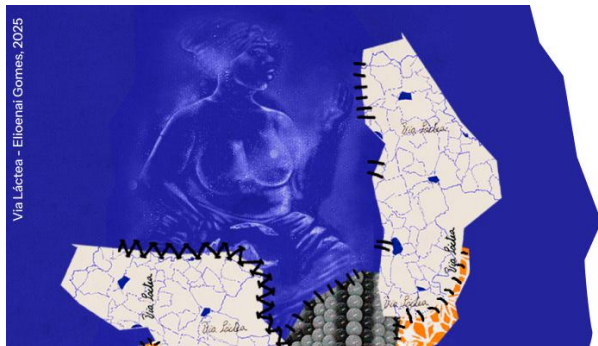
Judith Eny Paes Leite¹ – SEC-BA

Cristina Maria Carvalho Nascimento² – SEC-BA

Este relato de experiência apresenta o novo modelo de ensino desenvolvido no curso técnico de instrumento musical do Centro Estadual de Educação Profissional em Música, localizada em Salvador-Bahia, que vem se consolidando desde o final da pandemia do covid-19 entre os anos 2021-2022. Observamos que o perfil do estudante do curso técnico em instrumento musical, vem sofrendo alterações significativas em relação a faixa etária e as expectativas da formação profissional em música. Temos um novo público, com outros objetivos, faixa etária diversificada e experiências escolares nas suas formações básicas e profissionais, em tempos cronológicos distintos. Este novo perfil dos estudantes que ingressam nos cursos técnicos de instrumento para desenvolver suas habilidades musicais, tem vivências diferenciadas e cabe a nós professores e professoras, construirmos estratégias e

¹ Mestra em artes pela UFBA; licenciatura em música pela UCSal; professora efetiva da educação profissional em música pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia desde 2005; professora de violão, flauta doce, prática de conjunto CEEP Música; coordenadora de projetos em música da Casa da Ponte Maestro Ubiratan Marques. *E-mail:* judith.leite@gmail.com.

² Mestra em artes pela UFBA; professora efetiva da Secretaria da Educação do Estado da Bahia desde 1992; diretora geral do Centro Estadual de Educação Profissional em Música; bacharelado em composição, bacharelado em regência pela UFBA; licenciatura em música pela UCSal. *E-mail:* cristinamcnascimento@gmail.com.



metodologias eficazes, capazes de contemplar os conteúdos oficiais do curso técnico em música e atender os objetivos destes estudantes que iniciam seus estudos musicais na maturidade, nos levando a refletir sobre oportunidades e realizações pessoais ainda não vividas.

Inspiradas por Paulo Freire, na defesa da existência digna, do respeito e do direito a educação, da vida voltada para a liberdade e a autenticidade dos sujeitos, nos debruçamos na perspectiva de uma abordagem diferenciada para este público que tem mais tempo para estudar, se dedica a prática instrumental com afinco e está presente diariamente em todas as atividades escolares.

Nossa escola pública de educação profissional em música, tem 304 estudantes, distribuídos em 15 turmas nos turnos vespertino e noturno, nas modalidades de ensino técnico: subsequente e PROEJA (educação de jovens e adultos integrado ao ensino técnico em música). Em cada turno temos duas turmas de canto e quatro turmas de instrumento musical, compostas majoritariamente por adultos com idade acima de 40 anos e idosos acima de 60 anos.

Atualmente tenho a oportunidade e o desafio de trabalhar com estudantes entre os 60 e 74 anos de idade nas aulas de violão e prática de conjunto. Para estes estudantes, notamos que algumas abordagens de conteúdos estavam desconectadas das suas expectativas e resolvemos repensar nossa metodologia, desenvolvendo algumas estratégias para atender a este público especial. Não que tenham dificuldades de aprendizagem pela idade, mas, por precisarem de uma abordagem diferenciada, utilizando um repertório mais significativo e próximo das suas vivências.

Não temos estudantes que têm pressa para alcançar objetivos profissionais e ingressar na universidade, ou ainda que trabalhando com música, necessitem aprimorar seus estudos musicais. Temos estudantes que querem conectar a música em suas vidas e a profissionalização é uma consequência possível que foi abandonada anteriormente e agora pode ser retomada de uma forma diferente.

Nosso curso técnico contempla disciplinas práticas e teóricas, e utilizamos métodos e repertórios já consolidados em escolas e conservatórios de música

distribuídas pelo mundo. No entanto, percebemos algumas dificuldades enfrentadas pelos estudantes ao reproduzir este repertório, relacionadas com teoria e prática instrumental. Não havia comprometimento na compreensão e no entendimento sobre os conteúdos teóricos, porém, para a execução das peças musicais eruditas, estes conteúdos ficavam desconectados. A duração das aulas práticas é de quatro horas/aula, ou seja, temos o turno inteiro para tocar e desenvolver as habilidades técnicas no instrumento. Então, organizamos, juntamente com a coordenação e gestão escolar, uma configuração específica para cada aula para construir essa relação teórico-prática, conforme descrição a seguir:

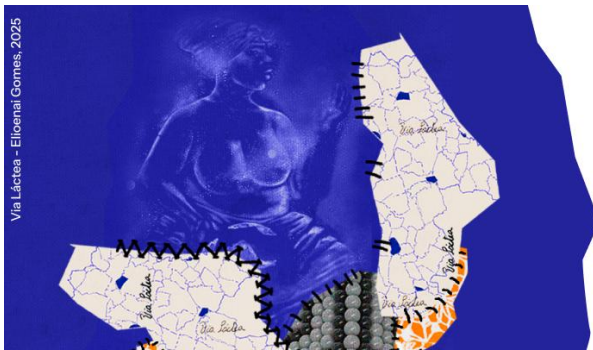
Primeiro momento da aula: Explicação teórica do conteúdo contido no estudo ou peça proposta. Detalhamento de todos os elementos musicais que estão nas partituras. (clave, figuras, compasso, altura das notas, posição no violão, ritmo e melodia).

Segundo momento da aula: Execução do estudo ou exercício técnico associado a peça que será estudada e tocada. Todas as aulas temos um exercício que contém os elementos musicais que estão na peça. (mesmo compasso, ritmos, tonalidade, altura das notas)

Terceiro momento da aula: Execução da peça com leitura sem tocar no instrumento. Explicação do ritmo, do tempo das figuras em relação ao compasso. Percepção musical. Solfejo rítmico.

Quarto momento da aula: Execução da peça no instrumento em pequenos trechos. Compasso por compasso, repetindo várias vezes e fazendo associações sobre a altura das notas e suas respectivas oitavas. Nem sempre conseguimos executar a peça inteira. Algumas aulas trabalhamos peças para duos com apenas a melodia de cada voz.

Porém, apesar de todo esse detalhamento do estudo prático, foi observado que os estudantes não conseguiam seguir os comandos de imediato, necessitando de repetição constante pela falta de prática e dificuldades com a linguagem musical recém aprendida. Para muitos, esse é o primeiro contato com o instrumento e as

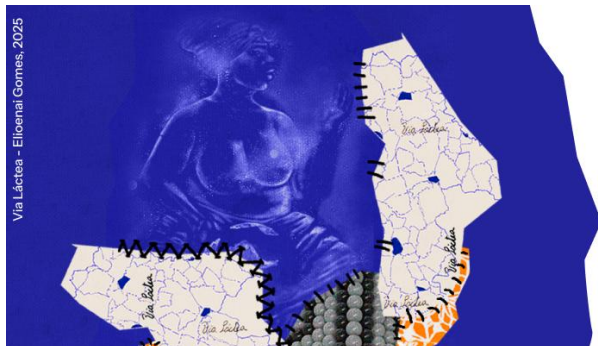


peças estudadas eram do repertório violonístico clássico, amplamente trabalhado nos cursos técnicos de violão e já consolidados para a formação do violonista.

A partir da identificação das dificuldades encontradas, procuramos ouvi-los e entender o que impedia o desempenho instrumental de cada estudante. Do que sentiam falta em seus estudos, apesar de se dedicarem seriamente a prática do instrumento. E constatamos que faltava a relação da música com a vida. Faltava reconhecimento, identidade cultural. Faltava história, falta representatividade e conforme Nóvoa (2022) “a nossa existência é feita de coleções de experiências, de vivências e de imagens”.

Por termos turmas bastante heterogêneas, os tempos de aprendizagem são distintos e particulares. Apesar de trabalharmos com ensino coletivo de instrumento musical, são várias aulas dentro da mesma aula e no mesmo horário, com níveis técnicos diversificados. Resolvemos então estudar música brasileira nas aulas práticas de instrumento de uma forma diferente da que estudávamos anteriormente onde os professores sugeriam o repertório. Buscamos trabalhar com músicas que tivessem algum significado para os estudantes das turmas do terceiro e quarto semestre do curso subsequente de instrumento musical. Conforme ABREU (2022), sobre musicobiografização, “a música é o elemento mediador da construção de nossas histórias e experiências formativas que com ela foram registradas”. Incluímos no nosso planejamento, canções populares significativas para os estudantes, por eles mesmos sugeridas.

Foram elencadas várias peças da jovem guarda, bossa nova, sambas e canções do cancioneiro popular nordestino. Analisamos as peças nota por nota, solfejando e dedilhando no instrumento, inicialmente sem tempo e ritmo, apenas para localizarmos as notas no braço do violão. Depois estudamos a escala e a tonalidade em que está escrita a peça. Solfejamos e tocamos todos os intervalos da música. Formamos os acordes e estudamos a harmonia com as cifras alfabéticas além das notas na partitura. Abordamos todos os conteúdos teóricos para que fizesse sentido a conexão entre teoria e prática. Cantamos e tocamos cada música escolhida.



Conforme PENNA (2012) “sendo uma linguagem artística, culturalmente construída, a música-juntamente com seus princípios de organização- é um fenômeno histórico e social”.

Entendemos com esta experiência que não existe fórmula rígida para se ensinar e aprender música. Que cada turma que ingressa no Ceep Música é específica, única e distinta das outras que já tivemos anteriormente. Que estudar música profissionalmente não está necessariamente voltada ao retorno financeiro, mas que existem várias maneiras de ser profissional em música inclusive de forma voluntária, nas suas comunidades, igrejas, hospitais, centros de atendimentos de saúde ou em organizações não governamentais. Que precisamos formar professores de música com escuta afetiva, para entender seus estudantes, buscar vencer suas dificuldades e procurar atender seus objetivos de formação profissional, acima de tudo, buscando a música que está em cada um de nós, professores e estudantes. Nem sempre conseguiremos atingir nossas expectativas, nem sempre conseguiremos atender a todos os anseios dos nossos estudantes, porém, precisamos sempre refletir sobre nossa prática a cada ingresso de novas turmas. Precisamos discutir formas, métodos, metodologias e procurar aproximar a linguagem musical ao mundo do estudante, sabendo que não existem fórmulas prontas, e sim práticas em construção.

REFERÊNCIAS

ABREU, Delmary Vasconcelos de. Um ensaio sobre a musicobiografização como uma vertente para a pesquisa (auto) biográfica em educação musical. **Revista da Abem**, v.30, n.2, e30202, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra Ltda, 2019. Pág. 19

NÓVOA, António. **Escolas e Professores**: Proteger, Transformar, Valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022. Pág.19

PENNA, Maura. **Música(s) e se Ensino**. Edição revista e ampliada. Porto Alegre: Sulina, 2012. Pág.30